



Veredas atemática

Volume 20 nº 2 – 2016

Implicações teóricas dos verbos leves para o estudo de estrutura argumental

Isabella Lopes Pederneira (UFRJ)

RESUMO: O objetivo deste trabalho é restringir as diferenças semânticas básicas na polissemia de verbos leves às suas configurações sintáticas que podem fazer surgir significados. Estudos formais tentam classificar e conceituar a categoria dos verbos leves. Este trabalho pretende refinar a análise para classificar verbos leves, partindo de referências teóricas construcionistas. Mostrarei que possuir ou não uma semântica plena não diz respeito a uma potencialidade inerente à raiz ou mesmo ao complexo raiz e verbalizador, mas a potencialidades configuracionais da estrutura argumental.

Palavras-chave: Teoria Exo-esquelética; Polissemia verbal; Estruturas de evento; Verbos leves.

Introdução

As abordagens de verbos leves na literatura linguística partem da proposta de que existem verbos essencialmente leves, como *dar* ou *fazer*. No entanto, veremos que qualquer verbo tem a potencialidade de ser leve, dado que um verbo não existe isoladamente, assim como qualquer palavra não existe isoladamente (cf. MARANTZ, 1997). Diante disso, analisaremos dados de verbos como *pegar* (*pegar uma gripe, pegar aquele rapaz, pegar a rua Castro Alves, pegar a filha na escola*) e *matar* (*matar a saudade, matar a garrafa de cerveja e matar a bola no peito*) para demonstrar que não existe marca intrínseca que delimite a classe de palavra e muito menos o tipo de verbo que uma raiz terá.

A primeira pergunta necessária que decorre do parágrafo acima é: o que são verbos leves? Existem muitas abordagens dentro da teoria gerativa que pretendem responder a esta pergunta. A primeira ideia é afirmar que verbo leve é uma classe verbal cujos elementos não possuem um conteúdo semântico que permita ser definido com precisão. Veremos que a teoria assumida, a Exo-esquelética, prevê esta característica para qualquer categoria sintática isoladamente. Diante deste fato, esta definição não seria capaz de diferenciar um verbo leve de um verbo pleno ou de qualquer outro. Logo, verbo leve é uma categoria de evento, um predicado complexo cuja contribuição é aspectual. Uma possibilidade é conseguirmos atingir o significado da sentença por meio de paráfrases como: pegar uma gripe = experienciar uma gripe.

Na teoria linguística, existem duas famílias de hipóteses sobre a relação entre o contexto sintático e seus significados: a projecionista (JACKENDOFF, 1992; CHOMSKY, 1995; LEVIN, 1999 etc) e a construcionista (MARANTZ, 1997; BORER, 2003, 2005a, 2005b etc).

De acordo com a hipótese construcionista, o verbo por si só consiste meramente em sua forma fonológica. Dependendo da construção dentro da qual será inserido, um significado particular emerge. Além dos vários componentes da construção, o morfema categorizador é um componente essencial do contexto sintático que transforma uma raiz pura em um verbo.

Não existe unanimidade na hipótese construcionista. Para a Morfologia Distribuída (MARANTZ, 1997), a hipótese proposta para o ponto da derivação em que acontece a convencionalização do significado é que uma raiz toma a sua leitura enciclopédica (arbitrária, não composicional) no estágio derivacional em que ganha o seu primeiro morfema categorizador. Dessa fase em diante, todos os novos significados provenientes do processo derivacional seriam regular e composicionalmente derivados do seu primeiro significado negociado. Por exemplo, a raiz \sqrt{pur} - torna-se o adjetivo *puro* quando adjetivada, e com a adição do sufixo nominalizador *-eza* torna-se o nome *pureza*, sintaticamente derivado do adjetivo *puro*. O significado do nome é composicionalmente derivado do significado do adjetivo *puro*. E, do significado de *puro*, provém derivacionalmente o do verbo *purificar*.

A sentença *ela colou o selo no envelope com saliva* é gramatical, enquanto que **ela esmaltou o vaso com aquarela* não é. A proposta de Marantz (1997) para esta diferença na composicionalidade semântica do verbo é que a estrutura morfológica do verbo *colar* contém a raiz \sqrt{col} -, mas não o nome *cola*; o verbo *esmaltar* contém o nome *esmalte*, e o significado do verbo é composto a partir do significado do nome. A aposta da teoria está no significado arbitrário negociado na inserção do primeiro morfema categorizador da raiz e na composicionalidade do significado em todas as camadas posteriores à do primeiro categorizador.

Essa teoria, porém, não explica significados não composicionais tardios em palavras com múltiplas camadas. A teoria Exo-esquelética (BORER, 2005a; 2005b; 2013) considera inúmeros casos em que a raiz aparece em diferentes estruturas, em cada uma delas com um significado não composicional em relação às demais, como na sequência *act*, *react*, *reaction*, *reactionary* (BORER, 2003). Note que o significado de *react* não é composicionalmente derivado do significado do verbo *act*, e o significado da palavra *reactionary* não é composicionalmente derivado do significado de *reaction*. Este conjunto de dados conduz Borer a concluir, contrariamente a Marantz, que a busca enciclopédica pode ser aplicada em qualquer ponto da derivação de uma palavra complexa. A vantagem deste tipo de abordagem é a preservação da morfologia, já que este componente é muito caro ao sistema computacional

da linguagem, dado que é grandemente responsável pela economia gramatical, porque tenta garantir a herança de dados da gramática.

Um exemplo de como Borer, na teoria Exo-esqueletal, aborda os casos idiomáticos é muito conveniente para alguns exemplos do português. O nome *proveniência* é lido composicionalmente a partir do adjetivo *proveniente*, que por sua vez, é lido composicionalmente a partir do verbo *provir*, ao passo que o nome *conveniência* tem, além da leitura de estrutura argumental composicional (*AS-nominals*), também a leitura referencial (*R-nominals*) de ‘pequena coisa prática’. Para Marantz, este caso não tem previsão, porém Borer (2009) oferece uma proposta mais estruturada a respeito de categorizadores. Ela propõe uma distinção entre categorizadores (*functores*) funcionais – tempo, determinante etc. – e lexicais – nominalizadores, verbalizadores, adjetivadores – (F_F e F_L), sendo que somente os funtores funcionais (F_F) fecham a possibilidade de formação idiomática na concatenação seguinte. No exemplo: a *checagem vagarosa dos relatórios pelos pareceristas mostrou sérios problemas*, a leitura do nominal *checagem* é herdada a partir da leitura do verbo *checar* dentro do nominal. A transparência do nome *checagem* para a estrutura argumental do verbo *checar* decorre do fato de que o sufixo *-agem* é somente um functor lexical (F_L). De fora para dentro, o primeiro functor funcional (F_F) juntado ao nome é o Determinante *a* em *a checagem*: $DP[a [[[chec]_R a]_{v,gem}]_n]$. Este, sim, tem o poder de fechar o domínio sintático da construção da palavra. Este exemplo ilustra a lógica da teoria de Borer a respeito das fronteiras sintáticas para leituras semânticas composicionais.

Permanece a necessidade de discriminar, em português, quais são as peças lexicais e configurações com poder funcional de formar fronteiras. Retornando ao nome *conveniência*, ele pode idiomatizar-se depois, no contexto *uma conveniência*, porque acima do functor lexical *-ia* vem o functor funcional do determinante *uma*. Para o estudo de estrutura argumental, a fronteira entre verbo e objeto direto não impede a idiomatização (*dar bola, chutar o balde, passar a perna* etc.), porque, nestes casos, a entrada enciclopédica do idioma precisa ativar um templatô (configuração sintática fixa, com informações sintáticas suficientes que permitem uma interface sintaxe-semântica mais precisa).

É controversa a tese de que é possível encontrar um princípio explanatório para a polissemia a partir de propriedades inerentes das raízes, propriedades estas que são muito difíceis de definir. Por isso, julgo apropriada, para a análise de verbos leves, o templatô de estruturas eventivas da Teoria Exo-esqueletal.

1. Discussão teórica

Exo-esqueletal é um modelo de gramática gerativa proposto por Hagit Borer (2005a, 2005b, 2013). A ideia principal e mais particular é que os itens lexicais não possuem categoria lexical inerente. A categoria da palavra é imposta de fora, pelo contexto sintático no qual o item está inserido, justificativa para nomear o modelo de Exo-esqueletal: o importante é o esqueleto que está fora, envolvendo, o item a ser classificado. Isso quer dizer que uma palavra não é, isoladamente, um nome ou um verbo, ou um nome não é massivo ou contável, e um verbo não é télico ou atélico. Por outro lado, o sintagma determinante, sim, é massivo ou contável, e o sintagma verbal é télico ou atélico. A Exo-esqueletal é um modelo que não permite, portanto, *type-shiftings* (mudanças de tipo) ou ambiguidades lexicais. Neste sentido,

o modelo provoca uma ruptura entre a estrutura e o léxico, ao mesmo tempo em que promove uma correspondência forte entre estrutura e significado.

Borer (2005a) assume que itens lexicais, ou listemas, consistem em ricas informações conceptuais e uma matriz fonológica. A informação conceptual permanece inviolável durante a sintaxe (e semântica composicional) e seu conteúdo será checado somente depois que a derivação sintática for realizada. Se o conteúdo conceptual é compatível com o que a derivação sintática sugeriu para a semântica composicional, a derivação é considerada gramatical e conceptualmente provável. Mas, se o conteúdo conceptual não for compatível com a derivação sintática, o resultado da sentença pode soar estranho ou mesmo agramatical.

No sentido em que podemos apontar as maiores diferenças entre modelos Projecionistas e modelos Construcionistas, Morfologia Distribuída e Exo-esqueletal formam um grupo coeso, ou seja, ambos defendem que o mecanismo de formação lexical e sentencial é o mesmo: a formação tanto de sentença quanto de palavras é produto da sintaxe. Além disso, ambos defendem a precedência da sintaxe em relação à semântica, pois nenhuma das duas vertentes desenvolve a teoria de papéis temáticos como as vertentes Projecionistas desenvolveram e ainda desenvolvem. No entanto, a Morfologia Distribuída e a Exo-esqueletal diferem em alguns aspectos, como o local em que incide a arbitrariedade saussureana. Na Morfologia Distribuída, este ponto é a concatenação da raiz com o primeiro morfema categorizador. Já no modelo Exo-esqueletal, a arbitrariedade saussureana pode incidir em qualquer ponto da derivação. No que diz respeito ao estudo de estrutura argumental os dois modelos também se diferenciam, já que a Exo-esqueletal opta pelo modelo de *templatos*.



Figura 1 – Modelo Exo-esqueletal

Neste modelo, o que primeiramente chama a atenção é o fato de que não há qualquer conteúdo lexical em qualquer fase sintática ou nó estrutural. Além disso, há funtores responsáveis pela semântica de itens sintáticos, como sufixos e prefixos. A semântica desses

itens funcionais, dada a sua regularidade, diferencia-se da semântica dos itens lexicais. A Exo-esqueletal segue a vertente Construcionista de modelo de gramática, porém inserido no modelo de templatato para estrutura eventiva. Para Borer (2005b), a estrutura eventiva é associada a um constituinte específico – Exp (Sintagma Exo-esqueletal) – que cria a estrutura de evento, incluindo o argumento do evento.

A pergunta “por que os verbos admitem complementos sintáticos (sujeitos e objetos)?” não faz sentido no modelo Exo-esqueletal, uma vez que os verbos não admitem complementos. Projeções funcionais combinam verbos e outros sintagmas, rendendo estruturas que levam a interpretações inevitáveis. No modelo Exo-esqueletal, verbos (e seus complementos) estão restritos à estrutura de evento. Os eventos estão temporalmente ancorados, e a ancoragem temporal requer a realização sintática de um sintagma temporal (TP), cujo núcleo é uma variável que pode estar ligada a um *binder*, que poderia ser um DP, e deve estar presente na sintaxe. Os objetos cumprem o mesmo propósito. Na ausência de outros mecanismos, o objeto é uma indicação sintática de telicidade, como em *Mario comeu uma maçã*. Neste caso, maçã cumpre o papel de indicar telicidade à sentença.

Quanto à estrutura argumental aspectual, a premissa de Borer (2005b) é a seguinte: as estruturas argumentais são licenciadas por estruturas funcionais sintáticas e, particularmente, por estruturas funcionais interpretadas como estruturas de eventos – não pelos itens lexicais. Essa estrutura sintática, por sua vez, afeta aspectos do significado básico de seu núcleo-L (núcleo lexical, raiz), onde, por núcleo-L, entendemos listema (categorialmente neutro), parte do arranjo conceitual. A estrutura funcional pode, posteriormente, ter o efeito de 'verbalizar' o domínio-L, onde por domínio-L entendemos a categoria máxima que o núcleo-L projeta.

O ponto de partida de Borer é a maneira de descrever os verbos de comportamento variável, como os verbos intransitivos que variam entre comportamento inergativo e comportamento inacusativo: *o vaso quebrou/João quebrou o vaso*.

Os comportamentos sintáticos regulares dos verbos no paradigma acima têm servido de argumento para quem defende que a informação que diz respeito à projeção sintática de argumentos é especificada na entrada lexical do verbo. Além disso, segundo o Lexicalismo, essa informação é a mesma em línguas diferentes (verbos com o mesmo significado ou com significados aparentados projetariam o mesmo tipo de estrutura argumental). Ela seria, então, determinada pela semântica lexical.

Na abordagem de Borer, verbos são livres para ocorrer em uma gama variada de construções, que – por consequência lógica, podemos dizer que de significados também – restringidos somente pela semântica da construção.

Por outro lado, na abordagem lexicalista, verbos projetam estrutura sintática. As versões dos verbos de comportamento variável são associadas por regras que especificam que tais verbos pertencem a mais de uma classe. Há, portanto, entradas lexicais distintas para versões distintas de verbos de comportamento variável.

Se assumirmos que as distinções sintáticas se correlacionam com distinções semânticas, sobram duas escolhas lógicas:

- a. Se a estrutura argumental é projetada a partir do léxico, significa que há duas entradas para verbos de comportamento variável, juntamente com regras de mapeamento lexical que modificam configurações de estrutura de argumento;

- b. Se desejamos rejeitar a existência sistemática de duas entradas distintas para verbos de comportamento variável, então a estrutura não pode ser projetada a partir do léxico.

A autora seguirá a segunda opção. Sobre os verbos de comportamento variável, em todas suas instanciações, como manifestações de um único item (BORER, 2005b) propõe que a estrutura dentro da qual estão encaixadas e a interpretação da estrutura não são derivadas de propriedades do léxico, mas estão de acordo com as propriedades gerais da estrutura funcional e seu mapeamento para o componente interpretativo.

Borer menciona a *aktionsart* de modo que seja possível substituir o inventário de papéis temáticos por papéis aspectuais, que estão ligados à maneira como argumentos particulares interagem com a determinação da *aktionsart*.

Como justificar a importância da *aktionsart* na determinação da estrutura argumental? Primeiramente, é preciso mostrar que a *aktionsart* é sintaticamente representada e não somente um efeito de interpretação; posteriormente, é importante notar que, na medida em que a *aktionsart* é sintaticamente representada, sua estrutura sintática está implicada na interpretação dos argumentos. Vejamos algumas relações entre argumentos e *aktionsart*:

A adição de objeto direto produz telicidade:

1. João correu por cinco minutos/*em cinco minutos
2. João correu um quilômetro *por cinco minutos/em cinco minutos

Adição de objeto cognato produz telicidade:

3. Maria cantou por uma hora/*em uma hora.
4. Maria cantou uma canção ?por uma hora/em uma hora.

Há, portanto, uma forte interação entre *aktionsart*, mais especificamente telicidade, e a existência da estrutura dos argumentos internos 'diretos'.

Disto decorre uma pergunta necessária: os papéis semânticos relevantes associados a argumentos são exclusivamente os implicados na estrutura de evento ou os sistemas baseados em *aktionsart* convivem com o sistema tradicional de papéis temáticos?

Como a estrutura sintática da *aktionsart* e sua interação com pelo menos alguns argumentos são necessárias, a hipótese nula é a de que a estrutura de evento é a única estrutura relevante para a projeção e interpretação dos argumentos. A autora assume, então, a proposta de Tenny (1987), que é lexicalista, mas, ao contrário desta, propõe que os papéis aspectuais não são projetados pelo léxico, mas são criados nas posições sintáticas relevantes. Borer propõe que só os argumentos diretos interagem com a estrutura de evento. Ainda que a estrutura de evento possa ser afetada sintaticamente por constituintes diferentes de argumentos diretos, esses constituintes não serão DPs.

Na teoria Exo-esquelal:

- a. Entradas lexicais não têm informação sobre a projeção de argumentos;
- b. a interpretação dos argumentos independe do significado dos listemas;
- c. não há nível de representação que seja a realização da informação projetada pelo léxico (um pareamento à Estrutura Profunda do modelo chomskiano);

- d. a atribuição de papéis é realizada pela sintaxe dos argumentos e é baseada na estrutura de eventos;
- e. a estrutura de argumentos é computada em Forma Lógica com base na configuração sintática;
- f. núcleos lexicais são modificadores de estruturas.

Como podemos observar, a Exo-esqueletal restringe ainda mais o papel da semântica na Gramática, reduzindo-a à função de leitura, no entanto, justamente para evitar efeitos puramente semânticos, como *type-shifting*, a autora defende um isomorfismo forte entre a sintaxe e a semântica. Em relação à raiz, que é acategorial, observamos ainda o seu papel nada fundamental no que diz respeito à Gramática. Essas características são essenciais para o estudo de estrutura argumental em verbos leves.

Uma noção importante neste estudo é a de polissemia, tema que Borer (2004) ilustrou com o verbo *siren*. Observem as sentenças a seguir:

- 5. The fire station sired throughout the raid (simples emissão do som de sirene).
- 6. The factory sired midday and everyone stopped for lunch (sinalização por meio da emissão de som de sirene).
- 7. The police sired the Porsche to a stop (forçar um resultado por meio da emissão de som de sirene).
- 8. The police car sired up to the accident (locomoção com emissão simultânea de som de sirene).
- 9. The police car sired the daylights out of me (evento psicológico: assustar por meio de emissão de som de sirene).

Apesar de haver um significado compartilhado por todas as ocorrências do verbo *siren*, não é possível correlacionar este significado compartilhado com nenhum aspecto comum na projeção da estrutura de argumentos. Se a hipótese de que a estrutura argumental é projetada pela entrada lexical fosse verdadeira, teríamos que ter pelo menos cinco entradas diferentes para as ocorrências do verbo, mas isto não ocorre na língua.

Diante disso, como deve ser a sintaxe dos argumentos para dar conta de todas as interpretações das sentenças acima com o verbo *siren*?

A teoria traz duas hipóteses:

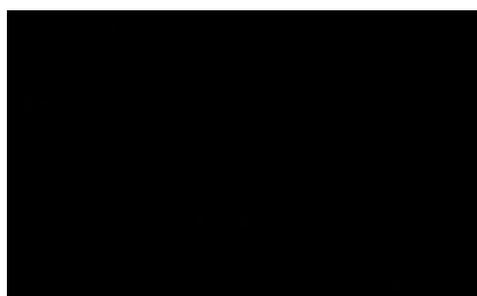
- a. Um listema do arranjo conceitual pode juntar-se com algum núcleo funcional para criar um especificador de uma projeção funcional associado tanto a propriedades interpretativas como categoriais;



Exemplo:



- b. Um listema pode juntar-se dentro do domínio-L (original) se uma preposição semanticamente apropriada ou um marcador de caso inerente juntar-se a ele, e o PP resultante adequar-se dentro do domínio-L.



Assume-se que a configuração $[[\text{Spec}, \text{Asp DP2}] [\text{AspQ2}]]$, quando bem-formada (isto é, com um DP com propriedades adequadas), produz uma interpretação télica.

Assim como no domínio nominal, em que a quantificação é realizada como estrutura sintática; no domínio aspectual, a quantificação é, do mesmo modo, realizada sintaticamente na forma de um núcleo funcional dominando um valor aberto ao qual será atribuído um conjunto limitado de valores ou uma quantificação. Na visão da autora, todos os verbos são

inerentemente atélcos, não especificam ponto de culminância; são somente um “caminho”. Um evento quantificado, nesse sistema, funciona como um operador, que produz telicidade, medindo o evento, e produzindo culminância. No modelo Exo-esquelal, elementos do arranjo conceitual não têm propriedades gramaticais, ou seja, não são estruturados. Como a quantificação é uma propriedade que surge da presença de estrutura, então DPs com pouca estrutura (somente a necessária para definir categoria gramatical) não são quantificados. A lógica pode ser levada para os eventos – se a estrutura tem pouco conteúdo funcional, só envolvendo o necessário para definir categoria verbal e projetar argumento externo, então o evento será atélco. Deste modo, a atelicidade, neste modelo, se configura pela falta de estrutura.

Como a autora assume que estrutura de evento corresponde à estrutura sintática, é necessário postular um nó de evento, que albergará o argumento eventivo, sobre o qual o AspQ predicará. A proposta que a autora apresenta é que o nó com esse argumento será EP (*Event Phrase* – sintagma de Evento). A atribuição de classe para o núcleo de EP, <e>E, é responsável por estabelecer o mapeamento entre predicados e eventos. Quando o predicado é AspQ, o evento é interpretado como um evento quantificado. Se não houver essa predicação na estrutura, o evento será interpretado como não quantificado ou atélco (F_{shell} ou F^{SP}).

Borer tangencia uma explicação sobre a natureza dos constituintes lexicais, dizendo que eles reúnem um conjunto de propriedades perceptuais. De alguma forma, essas propriedades vão permitir o licenciamento de determinado item lexical em um determinado contexto funcional sintático, por serem ambos compatíveis.

2. Análise formal para polissemia de verbos leves

Como este é um estudo na interface sintaxe-semântica, o objetivo é analisar sentenças com polissemia verbal no português brasileiro no que concerne aos seus comportamentos sintáticos. O foco principal do trabalho é polissemia em verbos leves, e a meta é conseguir restringir as diferenças semânticas básicas às suas configurações sintáticas que, potencialmente, podem fazer surgir seus significados.

Há alguns estudos formais que tentam classificar e conceituar a categoria dos verbos leves. Algumas importantes referências no assunto são Grimshaw e Mester (1988) e Butt (2010), conforme vimos no capítulo anterior. Surgem importantes contribuições para o campo de estudos formais a partir desses trabalhos, embora alguns problemas possam ser apontados. Duas das importantes características dos verbos leves, segundo esses autores, são que os verbos leves:

- a. Não têm semântica plena (ainda que possamos identificar uma correlação mínima com o correspondente pleno);
- b. Precisam estar em um complexo V-N (ou V-Adj) e agem como um verbalizador.

Butt (2010) complementa afirmando que os verbos leves respeitam as configurações sintáticas dos correspondentes verbos plenos. Isso quer dizer que o verbo projeta os argumentos sintáticos independentemente de sua categoria. Se o verbo pleno projeta dois argumentos sintáticos sobre os quais precisa descarregar os papéis teta, logo, se este mesmo verbo possui uma versão leve, precisará necessariamente ter dois argumentos. Além disso, a

análise de Butt enfatizará a crença em uma semântica de raiz que projetará argumentos para compor o significado do verbo leve, conforme também observamos no capítulo anterior.

Diante disso, este trabalho pretende refinar esta classificação para verbos leves proveniente da tradição de teorias projecionistas, partindo de referências teóricas construcionistas. Para isso, apontaremos problemas nas características destacadas. Para (a), mostrarei que possuir ou não uma semântica plena não diz respeito a uma potencialidade inerente à raiz ou mesmo ao complexo raiz + verbalizador, mas diz respeito, contudo, a potencialidades configuracionais em níveis sintáticos mais altos. Concordamos que falte conteúdo semântico ao verbo leve. O problema teórico que se instaura é que, na teoria Exo-esqueletal, não há qualquer conteúdo semântico de raiz em qualquer fase sintática. Por outro lado, para a corrente gerativa lexicalista, a carência de conteúdo semântico de raiz só ocorre em alguns casos, como o dos verbos leves. Sendo assim, teríamos que conjecturar mais de uma forma de analisar a estrutura argumental de verbos. Deste modo, a alternativa teórica da Exo-esqueletal surge como uma vertente mais econômica em termos analíticos. Além disso, surge ainda como uma alternativa mais centrada na sintaxe, já que secundariza a importância da teoria dos papéis temáticos. Os papéis temáticos, nesta teoria, não são parte da sintaxe, mas da interpretação semântica. Permite que eles interpretem argumentos e esta fase é pós computação sintática. Conseguimos compreender, intuitivamente, a diferença entre “tomar banho” e “dar banho”, porém isso não faz parte de uma potencialidade da raiz, mas do evento sintático e da combinação de núcleo e argumentos sintáticos.

Para (b), mostrarei sentenças no português brasileiro que contrariam a ideia de que verbos leves sejam restritos ao complexo V-N ou V-Adj, já que existem exemplos desses verbos em diferentes esquemas configuracionais. Defenderemos, todavia, que estes verbos precisam estar em um complexo V-complemento ou V-modificador e que estes complementos (e modificadores) têm papel fundamental na construção do significado completo da sentença. Além disso, veremos configurações de eventos estativos com o provimento de uma relação de pequena oração. Uma característica que une as nossas observações refere-se ao fato de que precisam estar inseridos em uma estrutura de evento. Este evento é o que, essencialmente, assegurará o significado básico da construção para um dado verbo em um determinado esquema sintático. Outros feixes, tais como os que selecionarão tanto o complemento quanto o sujeito, também serão associados para fazer surgir o significado da estrutura. Além disso, é importante ressaltar que não se nega que há significado agregado à raiz, ainda que esse significado não seja visível pela Gramática. Este conteúdo, nos verbos leves, é menos preciso, embora não seja possível, talvez, afirmar que tenha menos conteúdo semântico. Deste modo, a estrutura de evento precisa fornecer pistas concisas de significado.

Este trabalho está baseado no modelo de Gramática Exo-esqueletal, cuja principal contribuição diz respeito ao fato de que não há qualquer conteúdo semântico proveniente da raiz nas fases sintáticas e que, portanto, significados básicos precisam ser correspondidos por algum item sintático.

A seguir, cito exemplos de versões leves do verbo *pegar*, para que a formulação do nosso problema de pesquisa fique mais clara:

10. Maria *pegou* uma gripe.
11. Maria *pegou* aquele rapaz.
12. Você precisa *pegar* a terceira rua à esquerda.
13. Meu pai me *pega* na escola até hoje.

Podemos notar que todas as sentenças acima contêm o verbo *pegar*, mas cada uma delas possui um significado diferente para ele (10. contrair, 11. “namorar”, 12. virar em, 13. buscar). Diante desses fatos empíricos e a partir da premissa de que verbos leves são vazios de semântica plena, como diferenciar os sentidos das frases acima? Como analisar formalmente os dados? E qual a teoria que possui mais ferramentas para distinguir sintaxe e semântica, de modo que a semântica seja apenas uma leitura dos comandos da sintaxe?

A interface dos componentes da gramática é um fato tanto para Projecionistas quanto para Construcionistas, mas qual dos dois componentes é mais básico e delimita as ações do outro? O léxico de uma língua é realmente uma mera lista de itens associados a um significado e a um conjunto de estruturas sintáticas compatíveis com ela? Ou é possível que exista uma associação entre os verbos e um limitado número de possíveis configurações? Dito desta forma, afirma-se que não existe uma nova sintaxe para cada verbo. Parece que a primeira predição, que é uma predição Projecionista, precisa concordar com a ideia de que a sintaxe de um determinado verbo poderia variar arbitrariamente, porém a literatura proveniente de estudos de aquisição, a nossa importante competência intuitiva e mesmo os exemplos da língua mostram que isso não ocorre dessa maneira. Com isso, torna-se necessária a tentativa de mostrar que a sintaxe não varia arbitrariamente na língua, porque qualquer conteúdo de semântica regular precisa ser uma interface com a sintaxe.

O objetivo com isso não é um retorno à semântica gerativa, embora defenda uma isomorfia bastante forte entre a sintaxe e a semântica, porém conteúdos não regulares de semântica pura farão a interface em outro componente da gramática: na interface sintaxe-pragmática. No entanto, além de não sabermos os caminhos para o acesso a este componente, sequer é um conteúdo pertinente para um trabalho na área de linguística formal.

Como a linguística é uma área de estudos tradicional, é de se esperar que questões como essas já tenham tido início em ambos os modelos de Gramática. Do lado projecionista, podemos citar trabalhos como os de Chomsky (1970, 1981), Baker (1988), Levin e Rappaport-Hovav (1995), entre outros; e, do lado dos que defendem um sistema computacional, temos: Borer (1984, 2005a e b, 2013), Marantz (1997), Harley e Noyer (2000), entre outros. Ambos os posicionamentos concordam que um ponto importante é prover a correlação entre o significado de um verbo e a estrutura em que ele aparece. Diante disso, três perguntas são necessárias: como é que os verbos, então, são representados na gramática? Qual a divisão de trabalho entre o léxico e a sintaxe? Existe um léxico ou o que temos é uma sintaxe de formação do léxico, assim como temos para a formação de sentenças?

De acordo com a hipótese Projecionista, cada verbo em uma determinada língua possui um conjunto ou uma lista de papéis temáticos que devem ser atribuídos a seus argumentos em posições sintáticas específicas. Estas posições sintáticas são criadas por cada verbo a depender dos papéis temáticos que precisam ser descarregados sobre os argumentos de modo que produza o significado desejado. Quando a inserção lexical ocorre, o papel semântico de cada argumento sintático é despejado a partir de predições provenientes das potencialidades semânticas internas ao verbo no contexto da inserção. Outra palavra frequentemente empregada como rótulo para essa vertente teórica é Lexicalismo, já que a entidade que origina a projeção de papéis temáticos na direção de estruturas sintáticas é o item lexical.

Na literatura de Gramática Gerativa, encontramos numerosas evidências que desenvolvem o argumento acima. Um exemplo é o Princípio da Projeção (CHOMSKY, 1981)

que afirma que a informação lexical é sintaticamente representada. O importante nesta afirmação é o fato de que existe uma informação lexical, propriedades intrínsecas ao léxico que a sintaxe irá representar em seu nível. Seguindo a mesma ideia, podemos citar também Levin e Rappaport-Hovav (1995) que desenvolvem as regras de *linking* para se referir aos princípios que associam os papéis semânticos a expressões sintáticas específicas. As autoras acreditam que essas regras de *linking* possam ser parte da Gramática Universal, já que observam uma grande similaridade a partir de uma análise interlinguística.

Por outro lado, há os modelos de Gramática provenientes de outra tradição: os construcionistas (MARANTZ, 1997; RAMCHAND, 1997; HARLEY; NOYER, 2000; BORER, 2005a e b, 2013). Nesses modelos, não existe um conteúdo semântico intralexical de um verbo que possa determinar a sua sintaxe, mas será a estrutura funcional/aspectual na qual o verbo será inserido que determinará a leitura. Dependendo da construção na qual um verbo é inserido, um significado particular emerge.

Há pelo menos três razões por que optar por um modelo Construcionista. A primeira é um argumento contra a própria hipótese Lexicalista de que a sintaxe nem manipula, nem tem acesso à forma interna das palavras e de que a palavra é o local de variados tipos de idiosincrasia. Essa posição apresenta uma grande e fundamental dificuldade: como definir teoricamente a noção de palavra? A segunda razão diz respeito ao fato de que modelos não Lexicalistas têm a vantagem de não precisar de operações lexicais especiais diferentes das operações sintáticas de concatenar e mover da sintaxe de sentenças. A terceira e última razão refere-se ao fato de que os modelos da Morfologia Distribuída e Exo-esqueletal permitem um excelente tratamento para formas que são subespecificadas em termos de traços morfossintáticos.

A teoria de Gramática de modelos Construcionistas caracteriza-se por três propriedades fundamentais: a inserção tardia, ou seja, se nas teorias lexicalistas os itens entram na computação já “formados”, com sua estrutura interna fechada às operações sintáticas e com conteúdo fonológico; nestes modelos, categorias sintáticas são puramente abstratas, sem traços fonológicos. Outra característica fundamental é a subspecificação, que significa que as expressões fonológicas não precisam ser plenamente especificadas para serem inseridas nos nós terminais da derivação sintática. Finalmente, a estrutura sintática hierárquica é *All the way down*. Isso quer dizer que os nós terminais nos quais os itens de Vocabulário serão inseridos se organizam em estruturas hierárquicas determinadas por princípios e operações da sintaxe.

Essas versões de Gramática diferem do modelo Lexicalista por não possuir um léxico, ou seja, uma lista de palavras prontas, constituídas por um feixe de traços fonológicos, formais e semânticos. As palavras são o resultado de computações da sintaxe.

Como neste trabalho seguiremos o modelo Exo-esqueletal, é importante notar que se trata de uma abordagem Construcionista que prediz que os papéis teta são um reflexo de uma relação particular entre um argumento e um núcleo. Predição esta fundamental para a análise que pretendemos desenvolver. O motivo por que escolher este modelo em vez do modelo da Morfologia Distribuída, entre outras razões, diz respeito, principalmente, ao fato de que as versões da Morfologia Distribuída defendem que há semântica, ainda que minimamente, intrínseca à raiz, e esse conteúdo semântico entra ainda na fase sintática de derivação de palavras e, portanto, sentenças. Defenderei, no entanto, que o significado que a raiz irá adquirir só vai aparecer quando a raiz for inserida, na fonologia, e fizer a interface conceptual,

também na fonologia, porque somente com o conteúdo fonológico da raiz preenchido é que é possível fornecer a sintaxe de conteúdo conceitual.

O modelo Exo-esquelético é uma abordagem Construcionista que possui outras importantes predições, como o fato apresentado acima de que não existe semântica de raiz. Além disso, a predição se estende ao fato de que não existe qualquer conteúdo lexical em nenhuma fase sintática ou nó estrutural. Existem funtores sintáticos (que podem ser do nível lexical, como os sufixos; ou funtores do nível da sentença, como os AspQ, T ou F^{shl} entre outros) e funtores semânticos, responsáveis pelos significados estruturais como, por exemplo, a semântica (regular) de um sufixo; toda interface conceitual é feita na fonologia, no momento do *spell-out*. No caso das raízes, é nesta fase que ela é inserida, encaixando seu significado conceitual. Os funtores sintáticos da teoria Exo-esquelética podem ser pareados aos itens abstratos da lista um (ou A) da Morfologia Distribuída, enquanto os funtores semânticos (*s-functors*) são itens que entram na fase derivacional da semântica.

Em relação à estrutura argumental, Borer (2005a) defende que existem alternâncias estruturais (AspQ – Aspect Quantifier – ou F^{shl} – Functor shell) que fazem referência ao papel aspectual relevante. Isto difere fortemente da Morfologia Distribuída, já que as versões que seguem este modelo não defendem um modelo de template aspectual. A configuração sintática e seus nós funcionais determinam a estrutura de evento e seu número de argumentos sintáticos. A raiz do verbo é inserida na estrutura na fase da fonologia para ser possível suprir a estrutura com o conteúdo semântico-conceitual, mas somente após toda a rotina sintática. A seguir, apresento as duas estruturas sintáticas, uma com o nó F^{shl} e outra com o nó AspQ. A estrutura de F^{shl} determina que a contribuição do complemento do VP tenha um aspecto atético, enquanto que a contribuição do complemento do VP da estrutura de AspQ tenha um aspecto télico. Esta é a diferença que a literatura desenvolve com os nomes de *accomplishment* e *achievement*.

Neste trabalho, desenvolverei uma nova proposta de análise para os verbos leves que leva em consideração predições deste modelo de Gramática: estrutura de evento e nós sintáticos que determinam a semântica.

Mostrarei as estruturas de verbos leves em português brasileiro, seguindo as características gerais do modelo teórico Exo-esquelético, já que o modelo ainda não tem uma análise para verbos leves. A ideia que direciona essa tarefa é a de que a estrutura sintática é responsável pela semântica de um verbo leve diferente. Cada verbo tem mais de um uso com significados diferentes de seus correspondentes não leves, e cada uso tem um significado particular. Esse significado particular é basicamente derivado da combinação de uma estrutura de evento e o complemento/ou modificador. A raiz, quando associada à estrutura, agrega mais conteúdo, proveniente da interface conceitual. No caso dos verbos leves, este conteúdo é menos preciso.

Os verbos leves que vamos analisar neste capítulo são: *correr*, *tomar*, *levar*, *pegar*, *matar*, *ter*, *fazer*, *dar*, *andar*, *cortar*, *partir*, *bater*, *tocar*, *mandar*, *jogar* e *marcar*. O primeiro verbo leve desta análise é o *correr*.

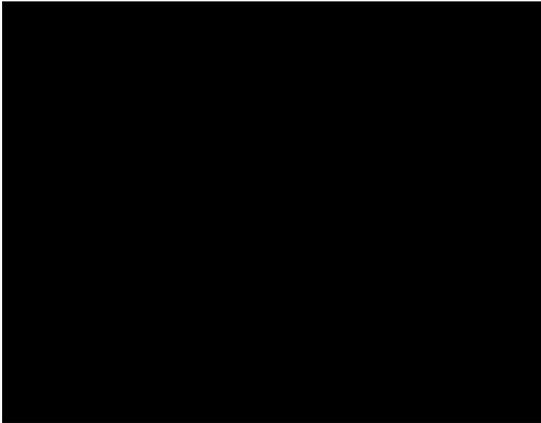
2.1. Verbo Correr

Os tipos sintáticos de uso de *correr* no português brasileiro são os seguintes:

14. João correu
15. João correu a maratona
16. O tempo correu depressa
17. O Euro correu a Europa
18. Maria correu risco de vida
19. O cachorro correu o gato
20. Os alunos correram um abaixo-assinado

Como podemos notar, dentre os exemplos citados, nem todos têm potencialidade para ser analisado como verbo leve, pois a principal característica – estar inserido em uma estrutura eventiva (para detectar essa característica, é necessário que se parafraseie a sentença com verbo leve. Ex. Maria experienciou risco de vida) – não é comum a todas as sentenças. As sentenças 14 e 15 são exemplos com semântica plena do verbo correr, pois é possível capturar todo o conteúdo semântico pertencente a este verbo – movimento rápido feito com as pernas. As sentenças 16 e 17 são metáforas. Diz-se que metáfora é uma comparação que produz um sentido diferente. Aqui, metáfora é uma modificação no significado da estrutura argumental tal que permite que propriedades semânticas sejam também modificadas. Deste modo, o sujeito de sentenças com o verbo *correr* que, em princípio, deveriam ser +animados, deixariam de ter a necessidade desse traço, como *tempo* e *Euro* nas sentenças 16 e 17. Já as sentenças 18, 19 e 20 são exemplos de verbos leves no português brasileiro. Podemos delimitar a classificação destas sentenças em verbo leve, considerando o teste de paráfrase já descrito neste trabalho. Em 18, *Maria correu risco de vida* = *Maria experienciou um risco*; *o cachorro correu o gato* = *o cachorro causou gato em fuga*; *os alunos correram um abaixo-assinado* = *os alunos fizeram um abaixo-assinado e passaram para todos assinarem*. Observemos suas estruturas eventivas abaixo:





Na teoria Exo-esqueletal, as estruturas sintáticas são *templates*, modelos fixos, de uma estrutura eventiva. Bem como Folli e Harley (2004) fixaram valores semânticos (sabores) para os vizinhos, utilizo valores da *aktionsart* para os eventos. Os valores que utilizarei são os que constam em (DUARTE, *et al.*, 2009):

V _{CAUSE} : [+dynamic], [+ change], [+cause], [+durative], [-instant]
V _{BECOME} : [+dynamic], [+ change], [+cause], [-durative], [-instant]
V _{DO} : [+dynamic], [- change], [-cause], [+durative], [-instant]
V _{BE} : [-dynamic], [- change], [-cause], [+durative], [-instant]
V _{DO INSTANT} : [+dynamic], [- change], [-cause], [-durative], [+instant]

Tabela 1 – Classificação de Duarte, Miguel & Gonçalves (2009) para formação de verbos principais

Sendo que, pela Gramática Universal, uma sentença possui um sujeito, neste caso, a seleção será determinada por uma das três peças possíveis: Voz (para sujeito agente), Experienciador ou Causa. Como fora delimitado, verbo leve é um predicado complexo de um evento que exige um VP quantificado. Este VP quantificado exigirá um agente, um experienciador ou uma causa para ter o seu evento e, conseqüentemente, seu significado completo. Já os complementos ou adjuntos serão analisados na árvore no que se refere à leitura semântica, sem que haja uma peça funcional que contribua para uma semântica regular. Desse modo, os complementos e adjuntos receberão suas leituras de papéis temáticos.

Para além desses itens na estrutura, postulam-se as projeções AspQ e F^{shl} que são peças, em algumas línguas do mundo, fonologicamente realizadas, e que Borer (2005a) utiliza para, através delas, apontar os aspectos télico ou atélico do complemento do VP. Para saber se o complemento é télico ou atélico, Borer utiliza o teste da preposição *in* (em) ou *for* (por), que podem ser aplicados no português ou qualquer outra língua do mundo, naturalmente. O AspQ será utilizado quando a preposição *in* for a mais adequada e F^{shl} quando a preposição *for* for a mais adequada.

Com essas ferramentas, descreveremos as versões leves do verbo *correr* a partir dos exemplos citados.

A sentença “Maria correu risco de vida” está inserida em uma estrutura de evento BECOME (mudança). Este evento possui os seguintes traços: [+dynamic], [+change], [+cause], [-durative], [-instant], e o seu sujeito é um experienciador, porque sofre a mudança

de estado expressa no evento. O complemento “risco de vida” é abstrato. Sendo o traço F^{shl} acionado, garante-se que o evento seja atético.

Na sentença “o cachorro correu o gato”, observamos um evento de atividade instantânea. Podemos propor como composição sintática desse evento os seguintes traços: [+dynamic], [-change], [-cause], [-durative], [+instant]. O seu sujeito é selecionado pelo traço CauserP, dado o seu valor semântico de causador do evento [por gato em fuga].

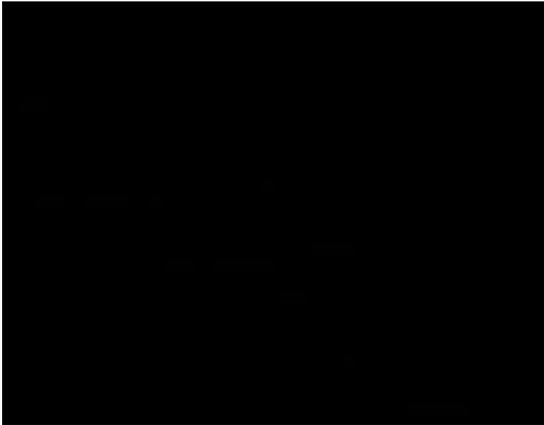
Em “os alunos correram um abaixo assinado”, há um evento de atividade (não instantânea): [+dynamic], [-change], [-cause], [+durative], [-instant], e o sujeito interpretado como agente é selecionado pela projeção VoiceP.

Um dado importante é que o *spell-out* desses verbos ocorre somente após a confecção da estrutura sintática inteira, e não somente do VP ou do Evento, já que é no *spell-out* que se forma a interpretação fonológica e, para haver interpretação semântica, precisamos de toda a estrutura sintática. Isso valerá para todas as análises de estrutura daqui para frente neste trabalho.

2.2. Verbo Tomar

As versões leves do verbo *tomar* são inseridas nas estruturas de evento atividade e atividade instantânea. Essa atividade também incide sobre o VP que vai herdar as características de telicidade do nó de aspecto. A diferença da leitura das sentenças se origina na interação dos componentes sintáticos e no tipo de sujeito selecionado pela estrutura. Observemos as seguintes sentenças:

21. Maria tomou o livro de João
22. Maria tomou vergonha
23. Maria tomou um susto
24. Maria tomou o ônibus
25. Maria tomou suco
26. João tomou um chute



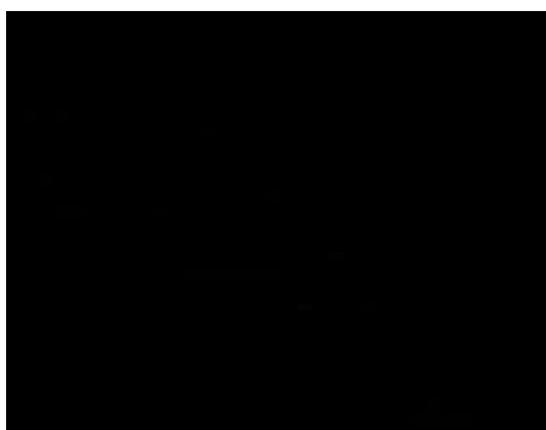
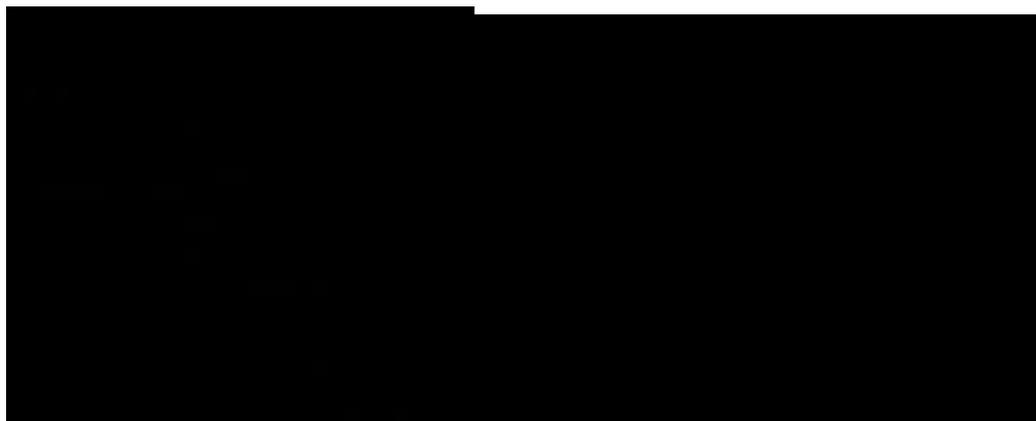
Enquanto a sentença 21 é a versão plena do verbo tomar, as sentenças 22 e 23 são metáforas das sentenças com verbos leves 25 e 26, respectivamente. Apesar de as estruturas arbóreas informarem bastante, é importante notar que as sentenças 25 e 26, que possuem o mesmo valor para o evento – atividade instantânea – possuem sujeitos selecionados por itens funcionais diferentes: agentivo e experienciador. A sentença 24 é diferente da sentença 25 no que diz respeito à atividade (24: atividade instantânea; 25: atividade). Além disso, podemos apontar uma diferença também no que diz respeito à direcionalidade do evento. Na sentença 24 há um movimento do sujeito, enquanto que, na sentença 25, há um movimento do objeto no evento.

2.3. Verbo Matar

Já o verbo *matar* e seus diferentes usos podem ser vistos abaixo:

27. Roberto matou Teresa
28. Roberto matou Teresa de susto
29. Eu matei a charada
30. Marcos matou a bola no peito
31. Marcos matou a garrafa de cerveja
32. Maria matou a saudade

Enquanto que, em 27, temos a versão plena do verbo matar, as sentenças 28 e 29 são leituras metafóricas deste verbo, referentes ao conteúdo semântico do verbo pleno, excluindo o conteúdo “assassinato”, intrínseco à condição plena do verbo *matar*. Já as sentenças 30, 31 e 32 contêm as versões leves do verbo e têm suas estruturas representadas a seguir:



Notamos que “matar a bola no peito” e “matar a garrafa de cerveja” são eventos de atividade instantânea e seus sujeitos são selecionados pelo mesmo traço – Voice – pois trata-se de um sujeito agente. As sentenças são diferenciadas apenas pelo tipo de complemento que, em “matar a bola no peito”, será um PP e, em “matar a garrafa de cerveja” será um DP. A sentença “matar a saudade” não causa qualquer tipo de ambiguidade, já que seu evento tem valor diferente: atividade (não instantânea), e seu sujeito é um experienciador.

2.4. Verbo Pegar

O próximo verbo que analisaremos é o verbo *pegar*. Primeiramente, é preciso notar que o verbo *pegar* possui uma versão plena, a sentença 33, pois há um conteúdo de “contato”, presente apenas no verbo pleno. Há muitas versões metafóricas, que vão de 34 a 39 e uma expressão idiomática, 40, “pegar no tranco”. As demais sentenças são versões de verbos leves e têm suas estruturas seguidas das sentenças abaixo:

- 33. Joana pegou a caneta azul
- 34. Murilo pegou a ideia
- 35. A casa pegou fogo
- 36. A polícia pegou o ladrão em flagrante

37. Meu pai me pega na escola até hoje
38. Essa doença pega
39. Maria pegou uma gripe
40. O carro pegou no tranco
41. Maria pegou a rua Castro Alves
42. Maria pegou aquele rapaz



As sentenças leves do verbo pegar são interessantes, porque cada uma tem um valor semântico diferente para o evento. Enquanto que “pegar a rua Castro Alves” é uma atividade instantânea; “pegar aquele rapaz” é um evento de causa e “pegar uma gripe” é um evento de mudança (BECOME). Sobre o sujeito, as duas primeiras sentenças sugerem a seleção de um sujeito agente, devido ao VoiceP, e a sentença que contém o evento BECOME sugere um sujeito experienciador, dada a seleção feita pela projeção ExpP.

2.5. Verbo Dar

Conforme pudemos notar até agora com a apresentação das sentenças com os verbos em análise, não há, essencialmente, verbos leves ou plenos, o que há são inserções de raízes verbais e funtores sintáticos em contextos sintáticos. O verbo *dar* é mais um deles, contrariando a literatura sobre verbos leves, que pontua o fato de que o verbo *dar* é, essencialmente um verbo leve. A sentença 43 é um uso pleno do verbo *dar*. Observamos

ainda que os exemplos de 44 a 50 são reconhecidamente expressões idiomáticas no português brasileiro. Em relação aos exemplos 51 e 52, estes são versões leves do verbo *dar*. Observem os exemplos abaixo:

43. Carol deu um presente para o namorado
44. Dar com os burros n'água
45. Dar na pista
46. Dar um jeito
47. Dar um tempo
48. Dar um lance
49. Dar pena
50. Dar mole
51. Carol deu um longo telefonema
52. Carlos deu um bom pai



Diante das estruturas apresentadas, notamos que o sujeito com o verbo *dar* nas estruturas eventivas de verbos leves é selecionado pelo item Voice e Exp, respectivamente, que atribuirá ao sujeito, por conseguinte, a noção de agente e experienciador. Em relação ao tipo de evento no qual será inserido o verbo, notamos que “dar um presente para alguém” e “dar um telefonema” (implícito para alguém) terão tipos de evento diferentes – atividade e BECOME. Além disso, diferenciam-se no tipo de papel temático do argumento interno que, na primeira sentença é concreto e na segunda, abstrato.

Considerações finais

Vimos que o significado de verbos leves é o resultado da composição de peças funcionais sentenciais e interpretação de papéis temáticos – em complemento interno. É importante destacar o papel fundamental das estruturas de eventos para verbos leves, que são, portanto, essencialmente eventos.

Como pudemos ver, o mecanismo sintático, com os nós funcionais, pode capturar comportamentos sintáticos que fazem surgir seus significados. A razão por que podemos afirmar que a configuração sintática é responsável por diferentes significados é em grande parte devido ao fato de que o verbo leve precisa estar em uma construção eventiva (atividade, atividade instantânea, estado, mudança, causa). Além disso, ainda é preciso restringir o tipo de sujeito, porque ele traz importantes contribuições para o significado da estrutura argumental. Nós funcionais precisam selecionar o tipo de sujeito que será incorporado à estrutura através de nós como: VoiceP, CauserP ou ExpP. O modelo Exo-esquelético de Gramática Gerativa parece ter ferramentas melhores e mais econômicas para lidar com dados de polissemia de línguas. É possível analisar de forma coerente e expor com árvores. A teoria projetionista é pouco econômica, ao dar estatuto central para a semântica com a teoria dos papéis temáticos. Quanto às teorias construcionistas em geral, estas parecem lidar melhor com a polissemia, ao extrair da sintaxe e da morfologia a possibilidade exaustiva de geração de componentes da gramática. Entre os modelos da Morfologia Distribuída e o da Exo-esquelético, a segunda opção mostra-se mais eficaz ao dar possibilidade de separar as categorias de verbos através do armazenamento de estruturas de templates de evento adotados como estruturas típicas para verbos leves. Deste modo, além de economizarmos na quantidade de entradas lexicais, ainda é possível diminuir o número de ajustes pós-sintáticos, como *type-shiftings*, pois estariam resolvidos, antecipadamente, na sintaxe.

Por fim, é importante notar que a “antecipação” das classes da *aktionsart* para a sintaxe não é meramente uma troca de posições da semântica para a sintaxe desproposital. O principal objetivo é o de restringir as possibilidades de significados que, intuitivamente sabemos que existe. Além disso, os dados da língua confirmam que uma palavra não pode significar qualquer coisa, embora sua capacidade de reanálise e idiomatizações seja grande.

Theoretical Implications in the Argument Structure Study

ABSTRACT: The aim of this thesis is to restrict the basic semantic differences in the polysemy of light verbs to their syntactic configurations that can potentially give rise to meanings. Formal studies attempt to classify and conceptualize the category of light verbs. It has important contributions to the field from Lexicalist works, such as Grimshaw and Mester (1988) and Butt (2010). An interesting feature that is observed is that light verbs need to be entered in an event structure and, from there, will be possible the emergence of meaning for the construction wherein the light verb is inserted.

Keywords: Exoskeletal theory; Verbal Polysemy; Event structure; Light verbs; Idioms; Argument structure.

Referências

BAKER, M.C. *Incorporation: A theory of grammatical function changing*. Chicago: University of Chicago Press, 1988.

BORER, H. The projection principle and rules of morphology. In: *Proceedings from the XIV Annual meeting of the North-Eastern linguistic society*, Amherst, 1984.

BORER, H. Exo-skeletal vs. endo-skeletal explanations: syntactic projections and the lexicon. In: MOORE, J.; POLINSKY, M. (eds.). *The nature of explanation in linguistic theory*. Stanford: CSLI, 2003. p. 31-67.

BORER, H. The grammar machine. ALEXIADOU, A., ANAGNOSTOPOULOU, E. and EVERAERT, M. (eds). *The unaccusativity puzzle*. Oxford: Oxford University Press, 2004.

BORER, H. *In name only*. Structuring sense, Volume I. Oxford: Oxford University Press, 2005a.

BORER, H. *The normal course of events*. Structuring sense, Volume II. Oxford: Oxford University Press, 2005b.

BORER, H. Roots and Categories. 19th Colloquium on Generative Grammar. University of the Basque Country, 2009.

BORER, H. *Taking form*. Structuring sense, Volume III. Oxford: Oxford University Press, 2013.

BUTT, M. The Light verb jungle: still hacking away. In: AMBERBER, M., HARVEY, M.; BAKER, B. (eds.) *Complex predicates in cross-linguistic perspective*. Cambridge, MA: Cambridge University Press, 2010. p. 48-78.

CHOMSKY, N. Remarks on nominalization. In: JACOBS, R.; ROSENBAUM, P. (eds.). *Readings in English transformational grammar*. Waltham, MA: Blaisdell, 1970. p. 184-221.

CHOMSKY, N. *Lectures in government and binding* (Studies in generative grammar 9). Dordrecht: Foris, 1981.

CHOMSKY, N. *The minimalist program* (Current studies in linguistics 28). Cambridge, MA: MIT Press, 1995.

DUARTE, I. et al. Lexical and syntactic properties of complex predicates of the type light verb + noun. *Arena Romanistica – Journal of Romance Studies*, Bergen, v. 4, p. 48-57, 2009.

FOLLI, R.; HARLEY, H. Flavors of v: consuming results in Italian and English. In: SLABAKOVA, R.; KEMOCHINKY, P. (eds.). *Aspectual Inquiries*. Dordrecht: Kluwer, 2004. p. 95-120.

GRIMSHAW, J.; MESTER, A. Light verbs and theta-marking. *Linguistic Inquiry*, Massachusetts, v. 19, p. 205-232, 1988.

HARLEY, H.; NOYER R. Formal vs. encyclopedic properties of vocabulary: Evidence from nominalisations. In: PEETERS, B. (ed.). *The lexicon-encyclopedia interface*. Amsterdam: Elsevier, 2000. p. 349-374.

JACKENDOFF, R. S. *Languages of the mind: essays on mental representation*. Cambridge, MA: MIT/Bradford Press, 1992.

LEVIN, B. Objecthood. An Event Structure Perspective. In: BILLINGS, S., BOYLE, J.; GRIFFITH, A. (eds.). *Proceedings of Chicago Linguistic Society (= CLS)*, 35, Part 1: Papers from the Main Session. Chicago: University of Chicago, 1999. p. 223–247.

LEVIN, B.; RAPPAPORT HOVAV, M. *Unaccusativity: at the syntax-lexical semantics interface*, Linguistic Inquiry Monograph 26. Cambridge, MA: MIT Press, 1995.

MARANTZ, A. No escape from syntax: don't try morphological analysis in the privacy of your own lexicon. In: DIMITRIADIS, A.; SIEGEL, L. (eds.). *University of Pennsylvania working papers in linguistics 4.2*, 1997. p. 201-225.

RAMCHAND, G. *Aspect and predication: The semantics of argument structure*. Oxford: Oxford University Press, 1997.

TENNY, C.L. *Grammaticalizing aspect and affectedness*. Doctoral dissertation. Cambridge, MA: MIT Press, 1987.

Data de envio: 06/07/2015

Data de aceite: 05/12/2016

Data da publicação: 23/12/2016